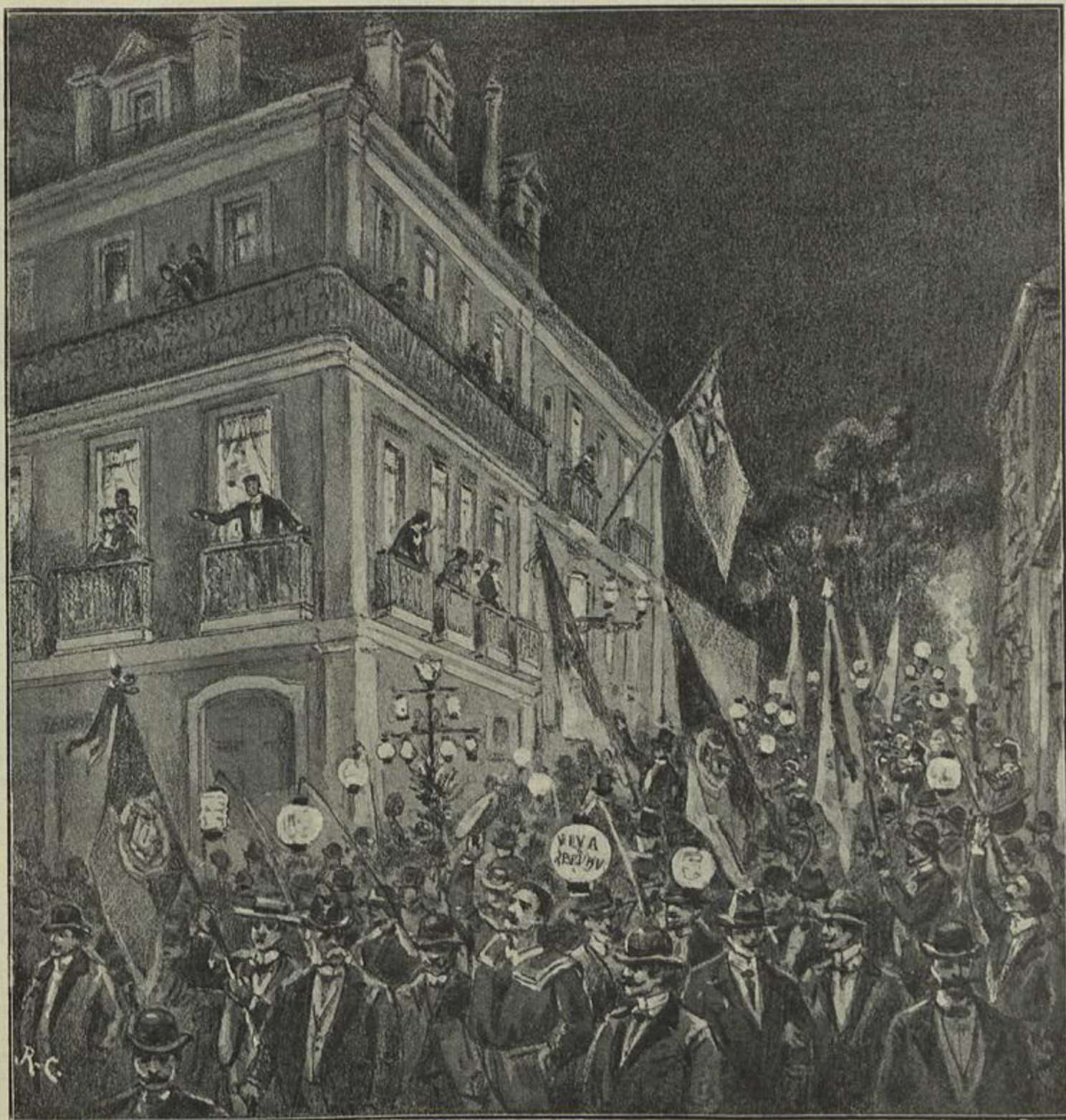


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1178	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	20 de Setembro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



RECONHECIMENTO DA REPUBLICA PORTUGUÊSA PELAS POTENCIAS

MANIFESTAÇÕES DO POVO DE LISBOA EM FRENTE DA LEGAÇÃO INGLEZA, EM A NOITE DE 12 DO CORRENTE — VID. CHRONICA

(Desenho de Ribeiro Christino)

CHRONICA OCCIDENTAL

O reconhecimento da Republica Portuguesa pelas potencias é um facto consumado.

Desde os primeiros dias da revolução de 5 de outubro, que estava previsto esse reconhecimento, pois toda a imprensa da Europa e especialmente a imprensa inglesa, manifestava os seus votos pela nova Republica, chegando os jornaes de Londres, como o *Times* e outros a declarar que não obstante toda a sympathia que á Inglaterra merecia o rei D. Manuel, cada nação tinha o direito de governar os seus negocios internos como melhor entendesse, e nem as potencias mais amigas podiam nem deviam intervir no systema de governo interno de outro paiz. As relações intimas que sempre existiram entre a casa real portugueza e a de Inglaterra, não podiam alterar a amizade existente entre os dois povos embora desaparecesse a monarchia.

Isto escrevia o *Times* e acrescentava ainda: «Varias potencias continentaes parecem dispostas a deixar á Gran-Bretanha tomar a iniciativa do reconhecimento do novo regimen portuguez. Dada a importancia dos interesses que a Inglaterra tem em Portugal e as relações intimas que ha tantos seculos unem os dois paizes, relações que pódem ter sido consolidadas pelos laços que unem as duas dynastias, mas que nunca foram baseadas sobre estes laços, parecia eminentemente justo e conveniente que a Gran-Bretanha, quando chegue o momento, dê o exemplo, estendendo uma mão amiga á Republica Portugueza, da mesma fórma que o fez ha muitos seculos aos soberanos portuguezes.»

E assim succedeu.

A natural impaciencia do nosso povo meridional, por vezes lhes fez receiar que o reconhecimento das potencias não sancionasse a nova fórma de regimen que pela revolução de 5 de outubro conquistou para o seu paiz.

Vária imprensa estrangeira reaccionaria publicava artigos contra o novo regimen de Portugal e forjava noticias ou telegrammas alarmantes sobre o estado do paiz, nos quaes resaltava a influencia dos conspiradores, que na fronteira de Galliza a toda a hora ameaçavam incursões.

Tudo eram receios, tudo eram duvidas e parecia ter-se já esquecido a primeira impressão das potencias sobre a revolução de 5 de outubro, e as declarações que a sua imprensa fizera, muito especialmente pela voz autorizada do *Times*.

Tinha a Republica Helvetica reconhecido a Republica Portugueza, por assim dizer, poucas horas depois de proclamada. A Republica dos Estados Unidos do Brazil, reconheceu, tambem, immediatamente o novo regimen de Portugal; seguem-se-lhe a Republica Argentina e a do Uruguay. Todas as potencias da Europa mandaram aos seus ministros em Lisboa continuar relações com o governo portuguez, independente do reconhecimento official, e apenas a Allemanha se retraiu recusando-se a receber o ministro portuguez que para ali seria nomeado, emquanto não se verificasse o reconhecimento official, mas tudo estava dependente do reconhecimento da Inglaterra. Esta potencia, que não se precipita nas suas resoluções, aguardava a reunião da Assembleia Constituinte que devia aprovar a Constituição do Estado e eleger o presidente da Republica, para assim legalmente e com as devidas formalidades fazer o reconhecimento official da Republica Portugueza.

Do reconhecimento da Inglaterra dependia o das outras potencias.

De facto, logo após a aprovação da Constituição e eleito o presidente da Republica, a França e os Estados Unidos da America do Norte se apressaram a enviar o seu reconhecimento official á nova Republica constituída no extremo occidental da Europa, e o novo governo recebeu communicação de que não se faria esperar o reconhecimento da Inglaterra e com este o das mais potencias.

Entretanto a anciedade publica continuava, quando na segunda-feira 11 do corrente, foi, pela presidencia do conselho, enviada á imprensa a seguinte nota officiosa:

«Os representantes diplomaticos da Inglaterra, Allemanha, Espanha, Italia e Austria-Hungria pediram hoje uma audiencia ao sr. presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros, a qual se realisou ás quatro horas e meia da tarde, no respectivo ministerio.

Aquelles diplomatas declararam em nome dos seus governos, que estes os haviam auctorisado

a reconhecer officialmente a Republica Portugueza.

Esta resolução das cinco nações tinha sido communicada ao sr. presidente do conselho e ministro dos estrangeiros na sexta-feira passada pelos agentes diplomaticos de Portugal.

O sr. João Chagas não quiz, porém, tornar publica esta noticia, enquanto não lhe fosse feita a communicação official pelos representantes diplomaticos d'estas nações em Lisboa.»

O alvoroço com que foi recebida esta communicação pelo paiz, manifestou-se no regosijo publico que explodiu por toda a parte, e principalmente em Lisboa, onde logo principiou a ouvir-se estalar nos ares foguetes, bombas e morteiros n'uma grande expansão de alegria, e organisando-se para a noite seguinte bandos de varias collectividades, em que entravam membros do parlamento, para irem saudar nas suas legações os ministros das nações que tinham reconhecido a republica.

Foi uma noite de entusiasmo em Lisboa percorridas as suas ruas por milhares dos seus habitantes com musicas e cantos do hymno nacional, e da *Maria da Fonte* e *God Sav the King*, executado em frente do palacio da legação de Inglaterra, na rua de S. Francisco de Borja.

Na cidade do Porto e por todo o paiz, emfim, houve eguaes manifestações de regosijo publico, e tudo isto indica a satisfação do povo por considerar realisadas as suas aspirações e consolidada a Republica.

A nacionalidade portugueza estabelecida e reconhecida desde ha nove seculos, com a sua historia gloriosa, a mais gloriosa possivel, pois não se limita ao triumpho das suas armas em proveito proprio, mas ás conquistas da civilização em proveito commum da humanidade a quem rasgou novos horisontes para a sciencia mundial, devendendo novos mundos e novas gentes, chamando-as todas ao commercio social, não tinha que recear que a sua historia acabasse aqui, só porque mudava de instituições, embora as que tinha fossem tambem, como ella, seculares.

Isso seria um attentado contra o direito das gentes, que sempre vale mais que o direito politico.

N'este momento, em que parece o mundo todo se convulsiona para a conquista de novos fóros a que os povos se julgam com direito, como havia de se recusar a um povo constituído secularmente o direito de se governar como melhor entende para o seu progressivo desenvolvimento?

Ora n'este ponto é que está tudo.

Para consolidar a Republica Portugueza não lhe basta o reconhecimento das outras potencias; para que esta Republica seja perfeita é preciso que corresponda aos idejas a que todos ou a maioria aspira de ver o seu paiz bem governado, bem administrado, tanto no que toca aos rendimentos do Estado como no que toca á distribuição da justiça.

Só assim a Republica se poderá impôr ao respeito de nacionaes e de estrangeiros.

Agora que todas as formalidades estão cumpridas; que se venceu, acaso, a maior das difficuldades que foi implantar um novo regimen por meio da revolução, é absolutamente necessario justificar toda a grande transformação, por obras de inteira vida nova no nosso modo de nos dirigirmos, visando principalmente a que as finanças do Estado se equilibrem, custe o que custar, e que a educação e instrucção nacionaes se regenerem por meio das escolas e methodos de ensino praticamente uteis, afim de preparar as gerações que de facto e de direito hão-de constituir a nova Patria Portugueza.

JOÃO PRUDENCIO.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero 1176)

Durante a nossa permanencia no porto interior limpam-se os tubos das caldeiras em numero de 2:028 e substituíram-se 3 tubos no condensador de estibordo e 1 no condensador de bombordo, por estarem fendidos nos topos e deixarem passar agua salgada para as caldeiras. Desde a sahida do navio de Lisboa já tivemos de substituir 19 d'estes tubos.

No dia 20, acompanhado pelo sr. Gasco, vice-consul de Portugal em Yokohama, visitei o go-

vernador da provincia de Kanagawa o Barão de Sufu, e no dia seguinte acompanhado pelo Barão de Sendal, nosso ministro em Tokio, fiz as seguintes visitas na Capital do Imperio: chefe do Estado Maior da marinha vice-almirante Barão Goro Ijuin, general Marquez de Katsura, presidente do conselho de ministros, ministro da guerra Visconde de Teraoutsi, ministro dos negocios estrangeiros Conde de Komura, ministro da marinha vice-almirante Barão de Saito e embaixador de Italia Marquez de Guiccioli. Todas estas visitas me foram retribuidas.

Tanto as auctoridades japonezas como o corpo diplomatico estrangeiro foram muito amaveis para com o commandante e officiaes do cruzador *S. Gabriel* como V. Ex.^a poderá ver na seguinte relação das festas a que assistimos:

Dia 21 — Almoço offerecido na Legação de Portugal pelo ministro.

Dia 24 — Jantar offerecido pelo Barão de Saito, ministro da marinha. N'este jantar tomaram parte uns quarenta convidados, entre os quaes algumas damas japonezas e do corpo diplomatico estrangeiro. No fim do jantar foi offerecida a cada convidado uma pequena taça de prata com o monogramma dos donos da casa, por onde se bebeu a bebida nacional Sake.



UMA GEISHA

Dia 25 — Jantar offerecido ao cruzador *S. Gabriel* pelo Barão de Sufu, governador da provincia de Kanagawa.

Dia 26 — Almoço em Tokio, offerecido ao commandante e officiaes do cruzador *S. Gabriel* pelo ministro de Hespanha R. G. de Uribarri. Estavam, além dos officiaes de bordo, o ministro de Portugal e pessoal da Legação de Hespanha.

Dia 27 — Almoço offerecido pelo ministro de Portugal, *matinée* em casa do addido militar austriaco Deny, e grande jantar de 80 talheres offerecido no Club Naval de Tokio pelo almirante Ijuin.

Dia 28 — Foi o commandante convidado pelo almirante francez de Castries a almoçar a bordo do *Montcalm* e os officiaes convidados a almoçar a bordo do cruzador austriaco *Kaiserin Elisabeth*.

Dia 1 de julho — Almoço de 28 pessoas offerecido no Imperial Hotel de Tokio ao corpo diplomatico, ás auctoridades japonezas e aos officiaes do *S. Gabriel*, pelo ministro de Portugal.

Dia 2 de julho — Almoço a bordo do cruzador

austriaco *Kaiserin Elisabeth*, onde estiveram as principaes auctoridades japonezas, embaixador d'Austria, etc.

Dia 3 de julho — Almoço offerecido ao commandante do *S. Gabriel* em Tokio, pelo embaixador de Italia Marquez de Guiccioli.

Em Yokohama mettemos 200 toneladas de carvão Cardiff, fornecidas pelo sr. Ribeiro ao preço de 26,5 yens a tonelada f. o. b.

No dia 30 pelas 10,30 da manhã, largou de Yokohama para Honolulu o cruzador francez *Montcalm*, e no dia 1 pelas 10 da noite fundeu no porto exterior o transporte americano *Service* vindo da ilha de Guam, via Nagasaki, com o qual trocámos cumprimentos.

A's 6 da manhã do dia 4 de julho começámos a suspender e ás 7 horas sahimos do porto interior em direcção a Kobe. Fóra do porto ceu encoberto, vento favoravel e mar plano, o que nos permittiu andar facilmente a 12 milhas por hora. A's 2,10 da tarde passavamos 1 milha ao sul do Mikamoto. De tarde cahiram alguns salceiros que encurtavam bastante o horizonte mas depois da meia noute limpou o ceu melhorando muito o tempo. A's 4,40 da manhã de 5 de julho, avistámos o farol de Oshima e vimos ter tido em 15 horas 20 milhas de corrente a ESE. Continuando ao longo da costa ás 7 telegraphamos ao nosso

entrada de 127,5 metros com a profundidade de 33 pés. Vae construir-se tambem um caes de 300 metros para o serviço de descarga de barcas. Sobre os caes acostaveis devem collocar-se guindastes electricos da força de 10 a 30 toneladas, e nos terrenos conquistados construir-se-hão armazens. A companhia Rawasaki emprega 8.000 operarios nas suas dokas e officinas. Possui duas docas seccas uma com 129,5 metros de comprido e outra com 116,5, além de dois planos inclinados para navios de 700 a 2.000 toneladas. As dokas da companhia Mitsubichi são fluctuantes, uma de 118 metros para navios até 7.000 toneladas e outra de 183,5 metros para navios até 12.000 toneladas. Tem guindastes para 40 e 100 toneladas e constroe navios de 10.000. Kobe tem pois todos os recursos d'um grande porto commercial.

Apenas no dia 5 amarrámos á boia em Kobe, veiu a bordo o consul de Portugal capitão de fragata Wenceslau de Moraes e um official da canhoneira allemã *Iltis*, visitas que retribui.

No dia 6, acompanhado pelo consul, visitei o governador de Hiogo Ken, J. Hattori, e o capitão do porto de Hiogo capitão de mar e guerra J. Fugi a quem agradeçi o favor de me conceder uma boia para amarrar. Estas visitas fóram-me na mesma tarde retribuidas. Fui tambem cum-

Na noite do dia 10 realisou-se no Mikado Hotel um grande jantar de quarenta pessoas, offerecido pela colonia portugueza aos officiaes do *S. Gabriel*, ao qual assistiram as principaes auctoridades japonezas, colonia portugueza, consul de Portugal e doze officiaes do *S. Gabriel*. Durante o jantar, a que presidiu o sr. Guterres, trocaram-se varios brindes em portuguez, japonéz, inglez e francez. Ao jantar seguiu-se um concerto em que tambem tomaram parte praças do navio. Pelo sr. S. Ukawa foi proposta e approvada a fundação d'uma sociedade luso-japoneza destinada a fomentar as relações commerciaes entre os dois paizes, ficando assim assignalada d'uma maneira pratica a passagem do *S. Gabriel* por Kobe. A grande linha de vapores japonezes «Nippon Yusen Kaisha» tem bellos vapores que passam todos os quinze dias á vista do Cabo da Roca e creio não seria difficil obter que se demorassem algumas horas em Lisboa o que, junto com um tratado de commercio, muito facilitaria a permuta entre os dois paizes.

A's 6 horas da manhã do dia 11 tendo a bordo o pratico japonéz Sakai, largámos da boia seguindo para o mar Interior onde entrámos ás 7,30 pelo canal de Akashi-no-seto. De Kobe até ao estreito passámos por muitas centenas de juncos de vela que para ali se dirigiam. Navegando por entre as ilhas do mar Interior, um dos pontos mais bellos do globo, com uma velocidade média de 12 milhas, fundeámos pelas 4 horas da tarde no interessante porto de Itozaki, onde passámos a noite. A's 6 horas da manhã do dia 12 suspendemos e começámos a navegar, com mar estanhado em direcção ao grande porto militar de Kure. Ao approximar-nos d'este porto começam a apparecer varias ilhas fortificadas. Avistámos fundeados tres grandes navios de guerra japonezes, tendo um o distinctivo de contra-almirante, ao qual salvámos sendo a salva immediatamente correspondida. Perto do meio dia chegávamos a Kure, onde um ajudante do almirante Kato commandante em chefe nos veiu indicar uma boia para amarrar. Salvámos á terra, salva que foi logo correspondida e a seguir ao vice-almirante commandante em chefe com 15 tiros.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



EM OSAKA—A RUA DO THEATRO

consul em Kobe a nossa provavel chegada ás 3 horas, ás 10 h. e 17 m. passávamos o canal de Kii e continuando sempre com optimo tempo entrávamos ás 12,40 no estreito de Isumi onde vimos dois vapores pequenos fazendo exercicio de fundear minas submarinas. Este estreito está muito fortificado com varias baterias em cada margem. A's 2,45 entrou a bordo o ajudante do capitão do porto de Kobe Hayashi que pouco depois das 3 horas nos conduzia a uma boia onde amarrámos depois d'uma bella viagem de 32 horas desde Yokohama.

De Kobe a Kure

Kobe é o principal porto commercial do Japão sobretudo com respeito á importação. A exportação por Kobe em 1908 foi de 84.110.000 yens (£. 8.615.180) e a importação de 191.080.000 yens (£. 19.571.853) o que corresponde a 22 % da exportação do Imperio e 44 % da importação. Por Kobe entram no Japão a maior parte dos machinismos e materias primas para as industrias. Está aberto ao commercio apenas ha 43 annos. Quando em 1887 visitei este porto não existiam obras d'arte. Em 1892 ligou-se o porto á linha ferrea e em 1907 começaram a emprehender-se obras no valor de 16.740.000 yens (£ 1.714.637) que devem ficar concluidas dentro de sete annos. Da ponta de Kobe zaki para o sul está-se construindo um quebramar com 646 metros de comprido. Do lado de oeste d'este quebramar estão-se completando tres molhes de 346 metros de comprido por 109 de largo. O espaço entre estes molhes, será de 127,5 metros e a profundidade de 33 pés. Entre o molhe de leste e o quebramar haverá uma

primentado por uma comissão da colonia portugueza de Kobe que é pouco numerosa e composta de macaistas. Fui convidado pelo consul a jantar no Oriental Hotel.

A 7 de julho realisou-se no consulado de Portugal uma recepção onde fui com sete officiaes. Foi esta recepção bastante concorrida por senhoras e homens da nossa colonia.

No dia 8 teve lugar no grande restaurante japonéz de Hiogo Tokuya Kuwadan, uma interessantissima festa offerecida aos officiaes do *S. Gabriel* pelo consul de Portugal. Foi um jantar completamente japonéz a que assistiram quarenta convidados, entre os quaes os governadores de Hiogo e Osaka, presidente da camara, capitão do porto, juiz do supremo tribunal, directores dos correios e da alfandega, general director do arsenal de Osaka, juiz S. Ukawa, cavalleiro de Christo, todos com os seus trajes de gala japonezes, consules da Russia, Hollanda, Hespanha e Belga, membros da colonia portugueza e 22 officiaes e guardas-marinha do *S. Gabriel*. Seguiu-se todo o cerimonial japonéz, descalçando-se todos á entrada, sentando-se á meza, ou antes no chão, ficando a presidir o governador de Hiogo Ken Hattori, e no ultimo logar o nosso consul que offerecia o jantar. Este foi servido por umas vinte Geishas ricamente vestidas que, durante os intervallos, tocaram, dançaram e representaram com muita arte. Antes de começar o jantar, o governador e o consul de Portugal, de pé, no centro da sala, fizeram brindes em japonéz. Esta festa sobre todos os pontos de vista muito interessante, durou das 6,30 ás 11 da noite.

Nos dias 9 e 10 visitei as cidades de Osaka, Kyoto e Nara.

O Primeiro Ministerio Constitucional da Republica

A Chronica do ultimo numero desta revista registou a formação do primeiro ministerio constitucional que veiu substituir o governo provisorio ditatorial que sahiu da revolução de 5 de outubro.

O novo governo foi organizado, como se disse, pelo sr. João Chagas, com elementos quasi extraparlamentares, expondo o sr. João Chagas ao parlamento o proposito de um governo de conciliação afim de que a Republica entre na normalidade e inspire aquella confiança de que tanto carece para a sua consolidação.

Esse proposito ficou bem expresso nas palavras com que apresentou o novo governo á Assembleia Constituinte e que a citada Chronica registou na integra

Os membros do novo governo são todos conhecidos como republicanos de longa data, que mais pugnaram pela implantação do novo regimen, principiando pelo seu presidente o sr. João Chagas, que mais sofreu pela Republica, no seu posto de jornalista e agitador das ideias democraticas, que o levaram ao exilio em Africa como um dos chefes da revolução de 31 de janeiro de 1891.

Dotado de grande talento e espirito combativo, por estas qualidades conquistou o alto cargo em que foi agora investido, o que a opinião publica aplaudiu.

A difficil pasta da justiça, especialmente no momento actual, em que tantas leis della dependentes ha a revêr pelas Constituintes, foi confiada ao sr. dr. Diogo Tavares de Mello, jurisconsulto muito reputado e que estava exercendo as funções de procurador da Republica, no Porto.

O sr. dr. Duarte Leite, ministro das finanças, é bastante conhecido por seus trabalhos financeiros, e junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes exercia um alto cargo na sua administração.

O ministro da guerra, sr. general Pimenta de Castro, é um dos mais distintos generaes do exer-

O primeiro Ministerio Constitucional da Republica

cito, por seus vastos conhecimentos militares e intelligencia provada.

O sr. dr. Celestino d'Almeida, deputado ás Constituintes por Aldeia Gallega, é o ministro do novo ministerio das colonias agora creado, e seguramente os seus dotes de intelligencia, são garantia de que fará um bom logar na pasta que lhe coube e que não é hoje das mais faceis, diga-se a verdade.

O sr. dr. João de Menezes, brilhante jornalista e parlamentar,



DR. DIOGO LEOTTE
Ministro da Justiça



DR. DUARTE LEITE
Ministro das Finanças

de el-rei D. João II e seu embaixador, alcaide-mór de Obidos e comendador de S. Tiago.

A casa fundada por Pedro Alvares Cabral tem hoje por seu representante na do ultimo marquês de Castello melhor a sr.ª viscondessa da Varzea.

Logo depois da morte de Alvares Cabral, a sua viuva contratou com os frades eremitas da igreja da Graça de Santarem, a capela de S. João Evangelista, para nella repousarem os restos mortaes de seu marido, e a mandou ornar de



GENERAL PIMENTA DE CASTRO
Ministro da Guerra



JOÃO CHAGAS
Presidente do Conselho, Ministro do Interior e interino dos Estrangeiros



SIDÓNIO PAES
Ministro do Fomento



DR. JOÃO DE MENEZES
Ministro da Marinha



DR. CELESTINO DE ALMEIDA
Ministro das Colonias

escolheu a pasta da marinha por ser esta a que tem melhor estudado e sobre a qual tem projetos que muito desejava pôr em pratica.

O sr. Sidonio Paes, ministro do fomento, é um distinctissimo official do exercito, espirito muito intelligente e de grande actividade, o que faz prevêr desempenhará com todo o zelo a complicada pasta que lhe foi confiada.

Por ultimo temos que nos referir á pasta dos estrangeiros, a qual está sendo interinamente dirigida pelo sr. presidente do conselho, emquanto o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, para ella nomeado, não vier occupal-a. O sr. dr. Augusto de Vasconcellos está exercendo em Madrid o cargo de ministro de Portugal.

Restauração da capela da igreja da Graça em Santarem, sepulcra de Pedro Alvares Cabral

A 23 de junho de 1501 chegou ao Tejo Pedro Alvares Cabral de volta da sua viagem á India e do descobrimento das Terras de Santa Cruz, na America. A solemne recepção que lhe fez D. Manuel I e as mercês com que agraciou o glorioso navegador, depressa as esqueceu o venturoso rei, como era seu costume, aproveitando todo e qualquer pretexto para votar ao desprezo os que melhor o serviam e á patria, e assim succedeu com Alvares Cabral, por este se escusar ao comando de uma nova armada, que D. Manuel queria mandar á India em 1502, por ella não ser aparelhada como Alvares Cabral tinha por conveniente.

Foi isto bastante para serem esquecidos os grandes serviços do illustre capitão, que, desgostoso, se retirou a Santarem e ali morreu pelos annos de 1520, tendo 53 de idade.

Era Pedro Alvares Cabral casado com D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Noronha, irmão de D. Pedro de Noronha, mordomo-mór

paramentos e dotou com o fóro de moio e meio de trigo, um carneiro, dois capões, uma galinha e uma duzia de ovos para sempre, com obrigação de ter jazigo perpetuo na dita capela, para a qual mandou trasladar os ossos de seu marido e os de seu filho Antonio, sob condição dos frades agostinhos dizerem ali annualmente quinze missas.

Quando D. Isabel de Castro faleceu, foi sepultada no mesmo jazigo de seu marido e ali foi gravado o seguinte epitafio:

AQUI JAZ PEDRAL VARES CABRAL
E DONA ISABEL DE CASTRO SUA MULHER
CUJA HE ESTA CAPELLA
HE DE TODOS OS SEUS ERDEYROS
AQUALL DEPOIS DA MORTE DE SEU MARYDO
FOY CAMAREYRA MOR DA INFANTA DONA MARYA
FYLHA DEL REY DON JOÃO NOSSO SENHOR
HO TERCEIRO DESTE NOME

A igreja da Graça, que tem um bello portico gotico e consta de tres naves, é quanto resta do antigo mosteiro de Santo Agostinho. Nas suas capelas existem varias sepulturas de donas e varões illustres, entre elles D. Affonso de Vascon

Um desastre occorrido em uma estrada de ferro, fez com que um pianista perdesse os dois braços.

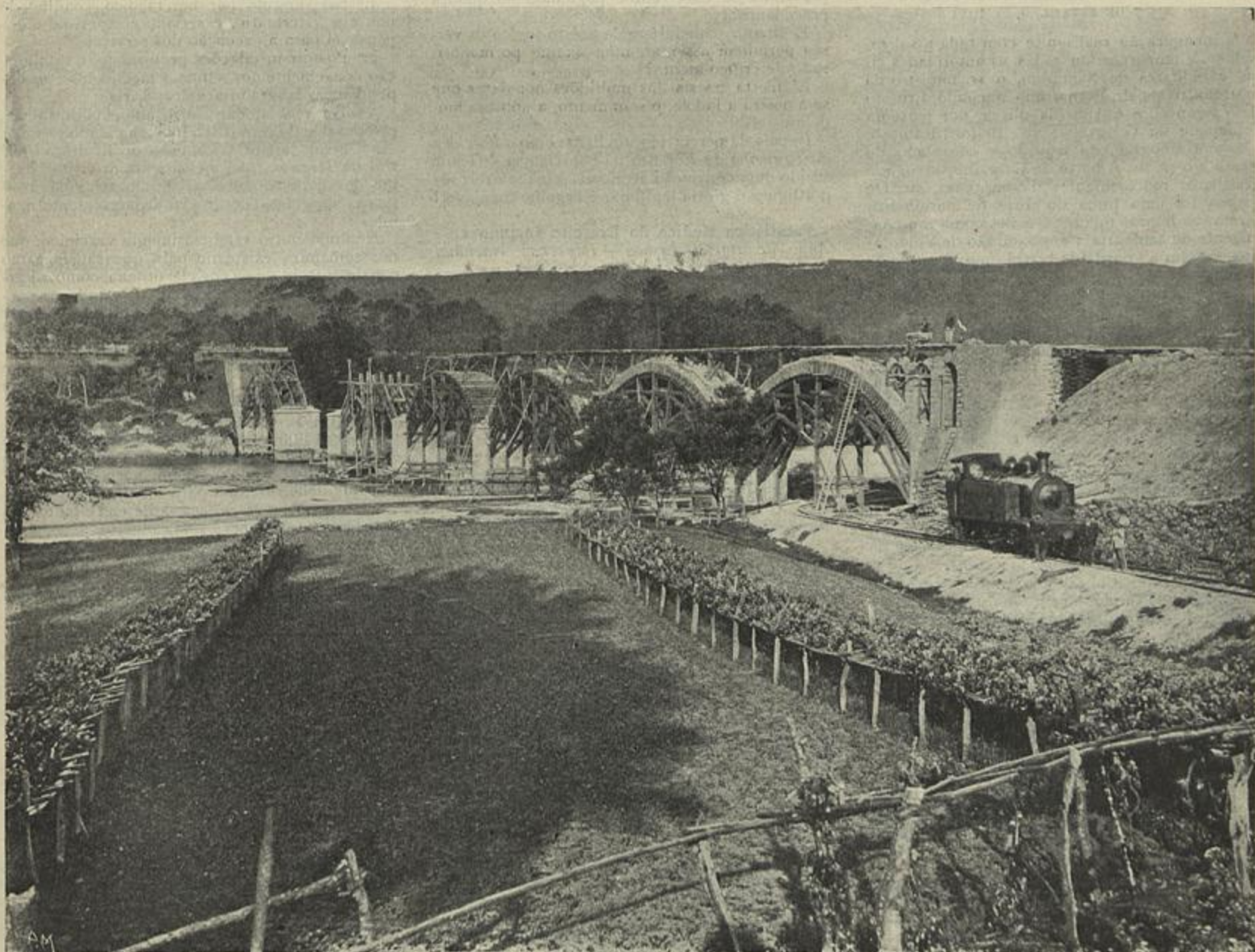
Lendo esta noticia, Calino exclama comovido: — Foi uma grande desgraça, não resta duvida, mas podia ser peor.

— Peor?! replicou admirado um amigo.

— Sim, podia, ter ficado sem as mãos.



RESTAURAÇÃO DA CAPELA, NA EGREJA DA GRAÇA, EM SANTAREM ONDE JAZEM OS RESTOS MORTAES DE PEDRO ALVARES CABRAL



CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA — A PONTE DE JATAFE, EM CONSTRUÇÃO. INAUGURAÇÃO DO RAMAL DE AVEIRO A SERNADA

cellos e Meneses, conde de Penella, bisneto do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro; D. Pedro de Meneses, 2.º conde de Vianna, alferes-mór do rei D. Duarte e 1.º governador de Ceuta, etc.

Os restos de Pedro Alvares Cabral ali tem jazido, sem um monumento codigno, numa sepultura rasa, esquecida e abandonada ao estrago do tempo.

Foi ha cinco annos, em 1906, que, tendo vindo ao Tejo o cruzador brasileiro Benjamin Contant, o seu comandante e officiaes visitaram a sepultura do descobridor do Brasil e viram o quasi abandonado a que estava votada.

A impressão que levaram dessa visita foi triste e não se apagou facilmente, e no regresso ao Rio de Janeiro não a ocultaram aos seus compatriotas, como á colonia portugueza.

Então tomou uma louvavel iniciativa o sr. dr. Alberto de Carvalho, que promoveu uma subscrição no *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro, para se restaurar a capela onde está a sepultura de Alvares Cabral e com o produto dessa subscrição, se procedeu ás obras necessarias, dirigidas gratuitamente pelo arquiteto sr. Rosendo Carvalheira, concorrendo a Sociedade de Geografia de Lisboa, com o restante para completar a restauração.

Escolheu se o dia 7 do corrente, anniversario da independencia do Brasil, para inaugurar a capela restaurada e a inscrição que ali foi collocada e é a seguinte:

A RESTAURAÇÃO DESTA CAPELA DE S. JOÃO BATISTA ONDE REPOUSAM OS RESTOS MORTAES DE PEDRO ALVARES CABRAL, DESCOBRIDOR DO BRASIL, FOI FEITA, EM PARTE, COM O PRODUCTO D'UMA SUBSCRIÇÃO POPULAR DE INICIATIVA DO DR. ALBERTO DE CARVALHO ABERTA NO BRASIL PELO «JORNAL DO COMMERCIO» DO RIO DE JANEIRO E COMPLETADA A EXPENSAS DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA QUE ACEITOU O ENCARGO DE A RESTAURAR FICANDO CONCLUIDA E SENDO INAUGURADA EM 7 DE SETEMBRO DE 1911

A inauguração realisou-se com toda a solemnidade. Compareceram todas as autoridades civis e militares de Santarem, o sr. ministro da marinha, os srs. dr. Bernardino Machado, Ernesto de Vasconcellos e Almeida d'Eça, por parte da Sociedade de Geografia; srs. Belford Ramos e Joaquim Clington, da legação e consulado do Brasil e o sr. dr. Alberto de Carvalho, advogado brasileiro; representantes da imprensa, etc. De Lisboa foi uma força do corpo de marinheiros prestar as honras militares, assim como um contingente de artilharia 3 e o batalhão de Voluntarios, fizeram a guarda de honra junto á igreja da Graça.

As descerrar-se a lapide, foi tocado o hino nacional e o sr. Almeida d'Eça proferiu um discurso alusivo, descrevendo os trabalhos a que se procedeu para se conseguir restaurar a capela onde jaz Alvares Cabral e a parte que nelles tinha o sr. dr. Alberto de Carvalho com a iniciativa da subscrição para esse fim aberta no Rio de Janeiro, referindo-se tambem ao grande auxilio prestado pelo sr. Rosendo Carvalheira dirigindo os trabalhos de restauração.

Discursaram ainda os srs. ministro da marinha, Belfor Ramos, dr José Montez, o comandante de artilharia 3 sr. Mousinho de Albuquerque, o sr. dr. Alberto de Carvalho e, por fim, o sr. dr. Bernardino Machado, que fechou com chave de ouro a serie de discursos pronunciados.

Pedro Alvares Cabral não está esquecido e em quanto outro monumento não eternisa a sua memoria, seja emfim, condignamente conservado aquelle onde repousam os seus gloriosos restos mortaes.



Caminho de Ferro do Valle do Vouga

Inauguração do ramal de Aveiro a Sernada

No dia 5 do corrente, foi inaugurada a linha do ramal de Aveiro a Sernada, na extenção de 34 kilometros, do Caminho de Ferro do Valle do Vouga, inaugurado em novembro de 1908.

Feita a experiencia da linha, com todo o pessoal superior, deu esta bom resultado, ficando assim aberta á exploração publica.

O Caminho de Ferro do Valle do Vouga, compreende algumas obras de arte importantes, e entre ellas conta-se a da ponte de Jatafe que a nossa gravura representa, ainda em construcção.



Primeiro Tomo do Folclóre da Figueira da Foz. — Coordenado por M. Cardoso Martha e Augusto Pinto. — Impresso na villa de Espozende no anno de 1911.

O citado primeiro tomo abrange 306 paginas de texto e este compreende assunto categorizado sobre tres rubricas: Cancioneiro — Romancero — Folclóre Infantil.

Os pacientes coordenadores precedem e acompanham todo o texto com prosa de prefacio e annotações necessarias, bem como oferecem aos leitores a variante poetica de algumas composições por elles recolhidas.

Este genero de trabalhos em que são reunidos os documentos vibrantes da alma de um povo, no que lhe pertence de mais affectivo e intimo, é deveras dos que mais se recomendam para bem definir e discriminar uma raça e ainda dos que melhor se prestam á autenticação de filiações remotas da fonte historica.

Vale a canção popular, expontanea, sincera, e quando não sincera, facilima de interpretar, vale, repetimos, por todas as academias e por todas as tentativas de esclarecimento psiquico a que alguem se entregasse para avultar a feição caracteristica de uma literatura e a capacidade etnica de um povo.

Na canção está isso tudo, pleno de claridades e incompativel com sofismas de maus teoricos.

«Meu amor, por tua causa
«meu amor, puz me na espinha;
«já não torno a ser quem era
«nem a caldos de galinha!»

Quanta filosofia edificante e quantas revelações profundas se encerram e englobam na quadra precedente?!

E quantas conclusões de acerto logico os versos permitem assentar, num exame pormenorizado de critico atento?!

E' n'esta poesia das multidões populares que se amostra a indole, o sentimento, a nobreza modelar.

Depois de percorrido um livro como o *Folclóre da Figueira da Foz* fica na consciencia do leitor sisudo uma convicção arraigada e inabalavel: sêr portuguez é gloria legitima, é orgulho invejavel!

Estatistica Medica do Exercito Portuguez. — Anno de 1908 — Lisboa — Imprensa Nacional — 1911.

São 43 paginas de elucidación categorica, acompanhadas de um mapa de Portugal indicativo das seis divisões militares e do numero de doentes por mil homens do effectivo de 1908, assim distribuido: Porto, 770; Villa Real, 687; Vizeu, 741; Coimbra, 398; Lisboa, 856, e Evora, 1022.



Visita do ministro do interior ao Parque Vaccinogenico de Lisboa

Foi este parque ainda ha pouco tempo visitado pelo então ministro do interior, sr. dr. Antonio José de Almeida, que, como se sabe, é um distinto medico, e por isso com a maior competencia para avaliar a importancia deste estabelecimento científico, de que justamente se pôde orgulhar o seu fundador, sr. dr. Carlos Moniz Tavares, general medico, que por muitos annos foi director do Hospital militar da Estrella, e que tem dedicado muito da sua vida ao estudo especial da vaccina anti-variola, tendo pugnado com fundada razão por introduzir no país a vaccina animal, ou de vitela, o verdadeiro Cow-Pox.

A nova instalação do Parque Vaccinogenico de Lisboa, foi devidamente descrita no n.º 1075 do OCCIDENTE de 10 de novembro de 1908, e não só se descreveu como se pôs em relevo o alto serviço prestado pelo sr. dr. Moniz Tavares com o seu Parque Vaccinogenico a que elle tem dedicado toda a sua ciencia e todos os seus cuidados, sendo actualmente secundado com toda a proficiencia por seu filho o illustre clinico dr. Carlos Barral Moniz Tavares. Felizmente todo o

grande trabalho e sacrificios dos dois illustres medicos em favor da vaccina de vitela, como a de ha muito adotada nos países estrangeiros, alcançou o devido resultado, pois que, por decreto de 23 de agosto ultimo, publicado no *Diario do Governo* de 29 do mesmo, foi adotada a vaccina de vitela assim como a vaccinação obrigatoria de todas as creanças domiciliadas em Portugal dentro do primeiro anno de idade, e revaccinação de sete em sete annos, impondo multas aos paes ou tutores das creanças, que não cumprirem esta lei.

O artigo 7.º desta lei diz: «Nenhum individuo de mais de oito annos pôde ser admittido a frequentar escolas, institutos de educação ou de beneficencia, officinas, fabricas, estabelecimentos commerciaes ou industriaes de qualquer natureza, a fazer qualquer exame ou concurso official ou a desempenhar qualquer cargo publico, sem que prove ter sido vaccinado ou sofrido um ataque de variola dentro dos ultimos sete annos decorridos.»

«Art. 8.º A's camaras municipaes compete a obrigação da aquisição da vaccina animal necessaria para o serviço publico da vaccinação na sua area.»

O n.º 1 do art. 9.º diz: «Na séde do concelho haverá uma sessão semanal de vaccina em dia e hora aprazadas. Nas diversas freguezias do concelho haverá sessões periodicas de vaccinação realisadas successivamente em cada freguezia.»

Por este modo se previne a terrivel epidemia que tantos males produz.

«Art. 10.º E' prohibido o emprego da vaccina humana.»

«Art. 11.º A vaccina empregada nas vaccinações officiaes será a nacional, sempre que o seu custo não exceda o da vaccina estrangeira devidamente contrastada.»

O artigo 14.º trata dos estabelecimentos produtores da vaccina e diz: «Nenhum estabelecimento productor de vaccina anti variolica poderá ser installado no país ou continuar funcionando sem que cumpra as seguintes condições:

1.º Ser dirigido por um medico, coadjuvado por um veterinario, e servido por pessoal indispensavel para a execução dos serviços;

2.º Possuir instalações proprias para estabulação conveniente dos animaes inoculados e as dependencias laboratorias necessarias;

3.º Ter regulamento, aprovado superiormente, pelo qual se regerá o seu funcionamento tecnico;

4.º Ficar sujeito á inspeção do Instituto Central de Higiene, que a exercerá por visitas, exame dos livros e colheitas de amostras das conservas vaccinaes destinadas a conveniente exame.»

Nenhum outro estabelecimento vaccinico, que nós saibamos, existe no país, que satisfaça tão cabalmente ao que a nova lei ordena, como o Parque Vaccinogenico de Lisboa, no estado de perfeição a que o seu fundador o tem elevado desde a sua fundação ha 23 annos.

São testemunho do aserto as opiniões de abalizados cientistas e mais pessoas competentes que o tem visitado e escrito no respéctivo livro de visitantes o seu parecer e impressões.

O extrato de alguns desses escritos são de certo mais importantes e de maior peso, que tudo quanto aqui escrevessemos sobre a importancia científica do Parque Vaccinogenico e os beneficios que delle resultam para o país.

Extratemos, pois, ao acaso, de entre tantos, os pareceres de nacionaes e estrangeiros:

Lisboa, 9 de setembro de 1908.

Visitei este Parque Vaccinogenico, cujas condições hygienicas são inexcitaveis.

O sub-delegado de saude
Francisco Martins Ramos.

Lisboa, 11 de setembro de 1908.

Levo as melhores impressões das novas instalações do Parque Vaccinogenico.

Antonio de Azevedo.

Lisboa, 12 de outubro de 1908.

Visitei o Instituto Vaccinogenico de Lisboa, montado e dirigido pelo ill.º sr. dr. Carlos Moniz Tavares, e tive a mais agradável impressão observando um laboratorio de vaccina perfeitamente installado e com todos os melhoramentos modernos.

Agradecendo ao digno director e ao sr. seu filho dr. Carlos Barral Moniz Tavares a bondade da sua recepção subscrevo-me

Barão de Pedro Affonso.
Director do Instituto do Rio de Janeiro

Lisboa, 22 de outubro de 1908.

Gratissimamente impressionado de minha visita a este Instituto.

Dr. Llorent (Madrid).

Lisboa, 26 de outubro de 1908.

Muito bem impressionado pela ordem, pelo asseio esmerado d'este Instituto, aqui deixo cordaeas felicitações ao seu illustre director pelos valiosos serviços prestados á população de Lisboa.

Viriato Brandão.
Clínico em S. Paulo (Brazil)

Lisboa, 26 de outubro de 1909.

Recebi as mais esplendidas impressões ao visitar este Instituto que faz honra ao nosso paiz.

Dr. Antonio Luiz Gomes.

Tendo visitado o Parque Vaccinogenico cumpre-me manifestar ao ex.^{mo} director do mesmo, o general medico dr. Carlos Moniz Tavares o meu profundo agradecimento, visto ter-me offerecido ensejo para admirar uma installação modelar dos respectivos serviços, o que denota um espirito scientifico moderno e uma abnegação muito louvavel pela sanidade geral. Pena é que da parte dos Poderes Publicos não tenha havido a correspondente compensação a um esforço tão digno de melhor exito, sob o ponto de vista economico.

Visconde de Giraúl.
Tenente-coronel medico
Sub-chefe de saude de Angola e S. Thomé e Príncipe

Lisboa, 3 de fevereiro de 1909.

Tendo visitado o Parque Vaccinogenico dirigido pelo ex.^{mo} collega dr. Carlos Moniz Tavares, considero o como um estabelecimento de primeira ordem e desde já deixo aqui exarado o meu agradecimento pela maneira delicada como fui recebido em tão optimo estabelecimento.

Pedro Celestino Goulart de Medeiros.

Lisboa, 29 de março de 1909.

Magnifica a impressão que levo d'estas installações que visitei com os alumnos da Escola Normal de Lisboa.

Sacadura.

Lisboa, 12 de abril de 1909.

Tenho por verdadeiramente irreprehensivel sob o ponto de vista scientifico, o estabelecimento vaccinogenico do meu illustre e digno collega Carlos Moniz Tavares, que neste momento tive o prazer de visitar.

Carlos Joaquim Tavares.
Prof. de clinica medica
da Escola Medico Cirurgica de Lisboa

Lisboa, 13 de abril de 1909.

No puede impresionar mejor bago todo punto de vista científico e higienico ningun otro estabelecimento similar por llenar este conservatorio de vaccina todos las condiciones que le son necessarias.

Dr. Juan B. Mendy.
Inspector veterinario del Ministerio de Agricultura de Buenos Ayres (Rep. Argentina)

Lisboa, 20 de julho de 1909.

E' com o maior prazer que archivo as minhas optimas impressões da visita que acabo de fazer a este Instituto Vaccinico, felicitando viva e sinceramente o seu dignissimo director, o dr. Moniz Tavares, e desejando cordealmente as maiores prosperidades para a sua querida obra scientifica.

A. V. Campos de Carvalho.
Prof. de clinica medica da Universidade

Lisboa, 14 de agosto de 1909.

Celebrando o incalculavel serviço prestado á humanidade pelos meus caros collegas Moniz Tavares e desejando ver os seus louvaveis esforços coroados pelo mais brilhante exito, sinto pena de me achar tão pequenino de valor para que as minhas felicitações podessem por alguma fórma confirmar suas ex.^{as} pelo seu proficuo trabalho. Que Deus lhes dê a compensação que os homens não pôdem conceder.

Guilherme d'Oliveira Martins.

Lisboa, 17 de abril de 1910.

Fiquei encantado com a simplicidade elegante e a irreprehensivel perfeição das installações d'este parque vaccinogenico. Penitenceio-me de quantas vaccinações com vaccina estrangeira tenho feito nos ultimos annos quando uma officina assim perfeita a fabrica entre nós. Será falta em que não reincidirei ajudando justamente tão louvavel iniciativa.

Carlos Bello Moraes.
Lente da Escola Medico-Cirurgica

Lisboa, 27 de abril de 1910.

Vagamente conhecia, por ouvir fallar, o parque vaccinogenico de Lisboa. Hoje tive ensejo de o visitar acompanhando uma minha sobrinha, que recebeu vaccina. Realmente fiquei satisfeittissimo por ter tido occasião de me acercar de um antigo condiscipulo, hoje distincto collega, a cargo do qual, conjuntamente com seu ex.^{mo} pae, justo ornamento da classe medica militar corre a administração do mesmo parque, onde saltam á vista o escrupulo, o methodo e boa orientação de tão conscienciosos clinicos.

Francisco Henriques de Carvalho Junior.

Lisboa, 2 de maio de 1910.

Antecipadamente já suppunha modelar a installação que acabo de visitar e a minha visita deixa-me impressão superior ao juizo anteriormente formado.

Gregorio Raphael da Silva e Almeida.
Medico em Cintra

Lisboa, 5 de julho de 1910.

Com a maior satisfação visitei hoje as installações dos meus distinctos collegas para vaccinação e revaccinação, que estão montadas com o maximo rigor de perfeição.

Antonio Paredes.

Lisboa, 25 de janeiro de 1911.

São magnificas as installações d'este Instituto e bem merecem da sciencia, da humanidade e da patria portugueza os illustres medicos seus fundadores e directores.

Lobo Alves.

Lisboa, 1 de fevereiro de 1911.

Levo uma impressão sinceramente muito agradavel da installação do Parque Vaccinogenico, que acho sob o ponto de vista do asseio e montagem superior a muitos que visitei no estrangeiro.

Annibal Bettencourt.

Lisboa, 6 de março de 1911.

A visita ao Parque Vaccinogenico deixa sem duvida a impressão de estar perfeitamente á altura do fim a que se propõe.

Salaçar de Sousa.

Lisboa, 1 de abril de 1911.

Depois de ter visitado o Parque Vaccinogenico vou convencido de que prestando a minha sincera homenagem aos seus directores não faço mais que o meu dever, assim como julgo tambem um dever de todos os medicos usarem esta vaccina, sem duvida a que mais serias garantias offerece.

Samuel Maia.

Lisboa, 23 de abril de 1911.

Este Parque realiza todas as condições exigidas pela sciencia; não compreendo como, depois de conhecer o, ainda se faça uso de vaccina estrangeira.

Eusebio Leão.
Governador Civil de Lisboa

Lisboa, 7 de junho de 1911.

A magnifica installação do Parque Vaccinogenico e a excepcional competencia dos ex.^{mos} collegas que o dirigem, fazem com que eu me penitencie de o não ter visitado ha mais tempo como que lamente o facto de a classe medica parecer não conhecer a sua existencia e com que, d'ora avante, eu me utilize sempre da vaccina d'este modelar estabelecimento, d'onde saio penhoradissimo com a captivante amabilidade dos meus presadissimos collegas.

Ardisson Ferreira.

Visitei em 21 de junho de 1911 este Instituto vaccinico, em companhia dos alumnos da Escola de Medicina Veterinaria, meus discipulos, e elles e eu ficamos edificados ácerca da perfeição dos processos aqui postos em pratica nas variadas operações que decorrem desde a entrada e conservação das vitellas nos estabulos d'este Instituto, até á inspecção d'ellas no Mercado Geral de Gados e Matadouro Municipal de Lisboa, havendo de tudo a documentação official, e bem assim as provas materiaes da efficacia da vaccina colhida das vitellas, sua pureza e perfeita conservação. As condições higienicas de todas as installações garantem essa pureza; e a observação de tudo que se executa n'este Instituto consola o nosso espirito de portuguez, sentindo nos orgulhosos de sabermos que em Portugal existe um estabelecimento tão modelar.

J. Paula Nogueira.

Lisboa, 21 de junho de 1911.

Esta installação para o fim a que se destina é simplesmente modelar, nada mais se póde exigir para este fim, e eu tive o ensejo, ao visital-a hoje, de cumprimentar o meu antigo chefe dr. Moniz Tavares, de quem conservo tão saudosas recordações das suas primorosas qualidades e da affabilidade com que sempre me distinguui.

João Carlos Mascarenhas de Mello.
Sub-inspector de saude da 1.^a divisão militar

Lisboa, 27 de junho de 1911.

Visitei este Parque e levo d'elle, sob todos os pontos de vista, as melhores impressões. Merece a sympathia publica.

Antonio José d'Almeida.

Lisboa, 28 de junho de 1911.

Visitei com muita satisfação o Parque Vaccinogenico cujas cuidadas installações são, a meu vêr, justificadoras de toda a protecção e applauso.

José Evaristo Moraes Sarmento.

Lisboa, 1 de julho de 1911.

Com todo o interesse e entusiasmo visitei estas installações, que me deixaram a bella impressão de um serviço modelar.

A. Monjardino.

Lisboa, 5 de julho de 1911.

Visitei com o maior interesse e muito prazer o Parque Vaccinogenico, de que levo a mais satisfatoria impressão. Felicito o meu ex.^{mo} collega Carlos Moniz Tavares e entendo que elle prestou a este paiz um relevante serviço montando este estabelecimento, que se deve considerar uma excellente installação.

Oliveira Feijão.

Lisboa, 9 de julho de 1911.

Encanta o Parque Vaccinogenico pela fórma modelar porque tudo aqui se realiza.

Francisco Gentil.



VISITA DO SR. MINISTRO DO INTERIOR AO PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

Lisboa, 11 de julho de 1911.

Visitei este Parque Vaccinogenico que me deixou a melhor das impressões. Julgo-o digno de toda a sympathia por parte do publico e da protecção indispensavel ao seu desenvolvimento por parte do Estado.

Angelo Fonseca.

Lisboa, 13 de julho de 1911.

Visitei o Parque Vaccinogenico, onde só encontrei motivos para louvor pela perfeita installação e escrupulo nos trabalhos sobre Vacclna.

José Gentil.

Lisboa, 15 de julho de 1911.

Da minha visita ao Parque Vaccinogenico levo a consoladora impressão de que tudo aqui se faz com sciencia e consciencia.

A. C. Ravara.

Deixou-me excellente impressão a visita ao Parque Vaccinogenico tão superiormente dirigido.

Augusto Celestino da Costa.

Declaro que levo do Parque Vaccinogenico que visitei, em 16 de julho de 1911, a impressão de que este estabelecimento se acha excellentemente installado e sabiamente dirigido.

Marck Athias.

Lisboa, 15 de julho de 1911.

Visitei o Parque Vaccinogenico de Lisboa que acho muito bem installado e dando-me a impres-

são que todos os serviços são cuidadosamente feitos.

Ayres Kopke.

Lisboa, 19 de julho de 1911.

Visitei todas as installações do Parque Vaccinogenico de Lisboa, e tendo sido posto ao facto do escrupulo d'aceio e d'asepsia posto em todas as

manipulações, o que tive occasião de verificar, elle é a mais segura garantia da origem especifica da vaccina aqui cultivada e da sua colheita aseptica.

Joaquim Rés.

Intendente de pecuaria do districto do Porto

Só os medicos que não sejam fervorosos admiradores e não queiram prestar a justa homenagem a todos os progressos nacionaes é que não farão uso da vaccina de vitellas obtida no Parque Vaccinogenico de Lisboa. Depois de uma visita realisada a todas as dependencias d'este magnifico parque e depois de se observar o meticoloso cuidado nos processos de asepsia, não se comprehende como ainda se consome em Portugal vaccina estrangeira.

Cap. J. A. Correia dos Santos.

Professor de chimica



Errata

No artigo da *Bella Joconda*, publicado no ultimo numero do OCCIDENTE, sahiram erradas as seguintes palavras:

Na pagina 194, linha 19, lê-se «insuflar», leia-se «insuflar»; na linha 38, «potentoso», leia-se «protentoso»; na linha 43, «neo-plus-ultra», leia-se «nec-plus-ultra».

Na pagina 195, linha 34, lê-se «algumas semanas», leia-se «alguns seculos»; na linha 50, «oferece», leia-se «ofereça»; e na linha 55, «encontrar», leia-se «encantar».



O SR. MINISTRO DO INTERIOR EXAMINANDO UMA VITELA VACCINADA, NO PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effiacia na *debitidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. É muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Na capas para todos os annos,
eguaes na cor para colleções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200